



REPRESENTAÇÃO LEVIANA: A interferência da mídia brasileira na construção do sujeito negro¹

SALES, Raíssa Fernanda dos Santos²
REIS, Jovelina³

RESUMO

O presente trabalho aborda a representação dos negros na mídia brasileira e seus consequentes impactos na construção do negro como sujeito. Tem como objetivo analisar como o negro é apresentado nos diversos meios de comunicação, principalmente em novelas, e como essa representação interfere na construção da identidade das pessoas pretas. Na fundamentação, foram utilizados os conceitos de vinculação social e bios midiático, racismo e representações do outro. A metodologia incluiu a pesquisa bibliográfica, numa perspectiva histórica.

Palavras-chaves: Mídia, representação, negros, identidade, vinculação social.

1 INTRODUÇÃO

A presente reflexão a respeito da representação do negro na mídia e a forma como essa representação interfere na construção da identidade das pessoas negras, é importante por incidir sobre os debates atuais em relação a atitudes de inclusão, respeito, aceitação, mas também sobre o consumo de conteúdos veiculados pelos meios de comunicação.

Nosso contexto histórico e social diz muito sobre o que ainda vivemos nos dias de hoje. Diante disso, é necessário que avaliemos a forma como toda essa representatividade negra (ou a falta dela) afeta na vida de quem recebe esse conteúdo. Pois o poder midiático lida com a construção dos modos de vida. Os conceitos de vinculação social, alteridade, transcendência do outro, bios midiático, as formas de emoldurar o outro, assim como outras temáticas que envolvem racismo e mídia, foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Para sua realização, o artigo recorre, no primeiro momento, ao discurso da mídia acerca do negro. Para exemplificar tal cenário, foram feitas pesquisas de documentários que abordam o histórico do papel exercido por atores negros na teledramaturgia. Foi analisado o filme “A negação do Brasil”, de Joel Zito Araújo, que traz depoimentos de vários atores e atrizes negras, que falam da difícil, porém resistente, luta para ocupar seu lugar na mídia.

¹ Trabalho apresentado à disciplina de Metodologia e Pesquisa em Comunicação, ministrada pela professora Jovelina Reis

² Aluna do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: raissasales41@gmail.com

³ Professora Adjunto do departamento de Comunicação Social da UFMA. E-mail: profajovelina@gmail.com



Após a apresentação do discurso racista da mídia, o artigo traz ideias de Muniz Sodré sobre Vinculação Social e Bios Midiático, que ajudam na compreensão do estudo e suas consequências. Paralelo a isso, foram colocados fragmentos do depoimento sobre racismo da estudante de ciências sociais, Nátaly Neri. O depoimento encontra-se disponível na plataforma do YouTube.

Além disso, de acordo com o conceito de Bios Midiático de Muniz Sodré, a mídia é como um lugar de constituição do ser humano e isso sempre existiu. Está ligada aos valores, desejos, ao que aceitamos ou deixamos de aceitar. O artigo foi construído através dessa visão, pensando no processo de vinculação social, no sujeito não como pronto e acabado, mas em constante mudança. Mudanças estas que são influenciadas pela mídia.

2 MÍDIA, RACISMOS E REPRESENTAÇÕES DO OUTRO: reflexões em torno do negro

É de conhecimento geral o poder exercido pela mídia acerca da formação do indivíduo. Grande parte da população cresce com a ideia de que os padrões expressados pelas personagens de novelas e seriados são os certos, os únicos que devem ser seguidos por todos e, pior ainda, que a nossa nação é representada por aquilo que se passa na TV. São padrões operacionais: sotaques, falas, vestimentas, modelos de beleza e procedência geográfica. Tais marcadores regem modos particulares de escrever, filmar e fotografar. (BORGES, 2007).

Por conta disso, a nossa identidade histórica e cultural acaba sendo deturpada, composta por uma série de estereótipos, fato que interfere diretamente na construção dos sujeitos negros, principalmente, tendo em vista o racismo presente nesse contexto. Analisando esse cenário, percebe-se que o sentido de alteridade, o colocar-se no lugar do outro, acaba se perdendo.

No capítulo 1 do livro “Mídia e Racismo”, escrito por Rosane Borges, é dito que essa temática precisa de uma atenção especial. “É importante ser analisada através de perspectivas ampliadas, principalmente acerca da questão de ideais culturais de ser e bem



estar no mundo”. A autora explica ainda que o conceito de ideal cultural das ideias do texto conversa com o de Freud. (BORGES, 2012):

O “eu ideal” freudiano caracteriza-se como um momento de identificação narcísica: “O outro é tão igual a mim que posso amar nele como a mim mesmo”. O “ideal do eu, caracterizados como os ideais culturais oferecidos pela sociedade (valores, mitos, ídolos, bens), contrapõe-se a ele: “O outro é tão maior do que eu que gostaria de ser como ele” (e, portanto, tem o que eu não tenho e gostaria de ter) (BORGES, p. 178, 2012).

A afirmação de Freud é muito presente em nossa sociedade. As pessoas tomam como exemplo aquilo que veem na mídia, traçando os padrões estabelecidos como metas de suas vidas. Rosane Borges diz que uma leitura rápida sobre a questão racial vai mostrar uma matéria concentrada, fundamentalmente, nos modos de produção e sustentação de estereótipos em torno do negro.

Outro ponto importante o qual devemos analisar é o conceito de emoldurar o outro:

As formas de emoldurar o Outro, de fundi-lo em figuras restritas, é prática recorrente nos sistemas midiáticos que se nutrem, em grande medida, do discurso imagético. A gramática de produção desses sistemas homogeneiza signos dispersos no tecido social, adequando-os às máquinas tecnológicas de produção de sentido da contemporaneidade. Desse primado, têm-se que os suportes comunicacionais, especialmente aqueles fundados na imagem e no som, têm de ser adequados a alguns códigos que se querem universais, facilmente reconhecíveis por plateias amplificadas (de leitores, ouvintes, telespectadores e mais recentemente de internautas). O código produz e regula a convenção que tem por finalidade última orientar as escolhas e “gostos” da assistência. (BORGES, p. 180, 2012).

A respeito dessa ideia, Rosane afirma que a padronização e fixação dos enunciados midiáticos em categorias pré-estabelecidas é uma ação necessária, pois possibilita a formatação dos programas em modalidades relativamente estáveis, aptos a conceder a “decodificação”. Há uma rede emaranhada que compõe a produção e a recepção, o que demanda a criação de sistemas de orientações, expectativas e convenções que circulam entre a indústria, os sujeitos espectadores e o texto. (BORGES, 2012)

2.1 Os padrões instituídos pela mídia

De acordo com Rosane Borges, tanto no Brasil quanto em outros países, os sistemas informativos demarcam e diferenciam o que é relatado/ mostrado, estabelecendo sempre modelos e estilos de vida a serem seguidos. No documentário “A negação do Brasil”, de Joel Zito, disponível na plataforma do YouTube, é mostrado como os negros são retratados em novelas a partir de estereótipos. Personagens de escravos, seguranças, empregadas domésticas, cozinheiras ou mulheres escandalosas, são sempre destinados aos negros.

Mesmo quando o negro possui um papel de protagonista, como é o caso da temporada de 2016 da novela “Malhação”, telenovela exibida pela Rede Globo, a personagem tinha o emprego de faxineira, ou seja, os estereótipos permanecem. Já no seriado “Sexo e as Negas”, também produzida pela TV Globo, trazia 4 mulheres negras como protagonistas, mas sendo associadas ao sexo e a pobreza. Antes



da estreia, o programa gerou grande polêmica na imprensa e também nas redes sociais. Havia dois grupos: um que dizia que a mulher negra estava sendo representada a partir de estereótipos e outro grupo dizia que a série retratava mulheres negras donas de sua própria sexualidade e do próprio corpo.

Essa dicotomia de opiniões gera ainda uma pergunta: será que o racismo não está nas pessoas que enxergaram uma exagerada sexualização nas personagens negras, justamente pelo fato delas serem negras? Uma vez que, se fossem interpretadas por atrizes brancas, a trama não seria interpretada da mesma forma? Sendo considerada uma coisa normal? Esses pontos devem ser analisados levando em consideração todo o contexto no qual estamos inseridos.

2.2 O olhar distorcido: Vênus de Hotentote - definição do corpo da mulher negra

Os discursos e concepções atuais sobre a imagem do negro estão diretamente relacionados a estigmas de tempos passados. E, apesar de parecer que estas referências vão se perdendo com o passar dos séculos, na verdade, ganham apenas uma nova estrutura, já que a forma de retratar o negro atualmente nas mídias continua tendo a mesma natureza que a de tempos passados. Como ilustração, temos a relação entre a Vênus Hotentote e personagens de novela e programas humorísticos contemporâneos.

De acordo com matéria de janeiro de 2016, disponível no site da BBC, Vênus Hotentote foi uma mulher negra, nascida em 1789, na África do Sul. Sua mãe morreu quando tinha 2 anos e seu pai, quando esta era adolescente. Ela começou a trabalhar como empregada doméstica na Cidade do Cabo quando um colono holandês matou o seu companheiro com quem tinha um bebê que também morreu.

Batizada pelos padrões de Sarah Baartman, possuía nádegas proeminentes por apresentar esteatopigia – condição genética que faz com que o indivíduo tenha nádegas protuberantes por conta do acúmulo de gordura – e esta característica chamou a atenção de viajantes e empresários europeus que transformaram Sarah em espetáculo de circo.

Como símbolo da exploração sexista e racista, a Vênus Hotentote pode ser associada a personagens negras apresentadas pela mídia. A ridicularização ou hipersexualização do corpo e do perfil da mulher negra se mantém viva através da permanência de estereótipos que, quase sempre, relacionam a imagem do negro à subalternidade, dificultando a aceitação das diferenças, que até podem ser reconhecidas, mas não são respeitadas porque há realmente a concepção e vontade de espetacularização do Outro.

Pelo corpo de Sarah, a “normalidade” europeia se concebia. Ou seja, *eu* me reafirmo como normal a partir da anormalidade do Outro.

É nessa fronteira de sentidos que se forma [...] um dos dizeres comuns do imaginário de construção do que é ser mulher negra. [...] que são reatualizados em [...] produtos que circulam nos limites das mídias contemporâneas. (BORGES, 2012, p.194).



2.3 Segundo exemplar - Devassa: “É pelo corpo que se conhece a Negra. Devassa Negra encorpada, estilo dark, de alta fermentação, cremosa e com aroma de malte torrado”

A propaganda veiculada no ano de 2010, pela empresa de cerveja Devassa, causou grande polêmica por reafirmar a concepção social já citada e que também pode estar relacionada ao caso da Vênus Hotentote: a hipersexualização e a imagem do corpo da mulher negra como algo instigante e público.

Esse imaginário social predominante está relacionado à época da escravidão na qual a figura da mulher negra atribuía-se com o “apenas um corpo”, sem inteligência e a permanência desta concepção, que se mantém enraizada dentro dos processos de desenvolvimento de significados sociais, estabelece uma espécie de controle social por meio do sentimento de poder diante do corpo negro feminino.

Estes discursos, ora de caráter espantoso e espetacular, ora de sexualidade extremamente acentuada, trabalham como alicerces que forjam a ideia de mulher negra – e de ser negro, como um todo – dentro das sociedades. Atribuindo a estes sempre papel inferiorizado.

A ideia original permanece como referência desde o início do processo de significação e não desapareceu no contexto atual, apenas mostra-se de maneira reestruturada. “É necessário pensarmos que, sob o núcleo das inovações, das mudanças aparentemente progressivas em torno da imagem do negro, há um referente que se repete e é esse referente que marca a totalidade do ser negro ou mulher negra.” (BORGES, 2012, p.198).

2.4 O reconhecimento das imagens e o fluxo do discurso

Segundo Rosane Borges, o fluxo do discurso e o curso do significado se ajeitam como a continuidade do conhecimento, do vivido, do fluxo normal das coisas, da boa rotina do mundo, fazendo com que o significado guarde sempre o mesmo sentido. (BORGES, 2012)

A autora diz que tudo isso está relacionado com as formas de conceber o outro, criando tradição que se enraíza nosso jeito de avaliar, aceder, aprovar, reprovar códigos de conduta e formas de apresentação (estética e, às vezes, moral). Com as informações advindas dos meios midiáticos, esculpimos o outro, traço por traço:

A estética negativa do estrangeiro lastreia sempre os julgamentos na prática do *gesichtskontrolle* (controle de rostos), ou seja, a decisão cotidiana sobre quem pode entrar em clubes, boates, restaurantes de luxo ou mesmo ser aceito para seguros de automóveis. O nome da prática é alemão, mas sua incidência é transnacional. (SODRÉ, 1999, p. 33, apud BORGES, 2012, p. 184)

2.5 As linhas divisórias que constituem o estatuto do outro



É importante pensar na construção do "eu" e do "outro" e na construção dos estereótipos como símbolo. Acerca desses aspectos, são lançadas as seguintes perguntas: Em que medida os discursos da mídia permanecem atados a estigmas e estereótipos? Como contribuem para a cristalização do racismo? É possível implodir o sistema de representação recorrente e instaurar outra narrativa sobre o negro e a mulher negra, pulverizando-a na TV, jornais impressos e eletrônicos, internet, peças publicitárias e nas redes sociais?

A autora conta que, sobre o vasto pano de fundo dessas reflexões é que se esboça o projeto de homogeneização das mídias, em que se destacam os modos em que estão lançadas as figuras do homem e da mulher negras(os), cujo sistema de representação permeia normalmente em discursos fundadores que remetem sempre a referenciais mais ou menos estáveis, a despeito da gradual mudança que a questão racial negra tenha sofrido nos últimos anos, especialmente nas esferas publicitária e dramatúrgica, enfatiza a autora.

2.6 A presença incisiva da mídia em nossas vidas

A padronização incisiva dos meios midiáticos sobre a maneira de conceber o “outro”, ou seja, a implantação de modelos e estilos de vida a serem seguidos, implica na consolidação desses conceitos em nossas vidas cotidianas. A fluidez e a facilidade que o ato de viver em sociedade adquiriu a partir da “legenda” da imagem humana fez-se consolidada em uma comunidade de incertezas e de frouxos laços sociais.

Dessa forma, a mídia torna-se a ditadora das relações sociais, pois ao mesmo tempo que molda o modo de conceber o modelo do indivíduo com quem se relaciona, exclui também aquele que foge os padrões através de linhas divisórias do que se encaixa no esperado ou não.

Trazendo tal assunto à questão da introdução do negro nas apresentações midiáticas, afirma-se que há sempre a busca pela homogeneização de uma imagem puramente “negra” e é imposta discussões sobre a eficácia dos modelos de inclusão através de interrogações, estas, que apesar do intuito teórico de combate à intolerância racial impõe que a “mídia do negro” deve ser desfeita por completa e replantada, contando uma nova história, partindo de uma outra origem.

Essas ideias conversam diretamente com os conceitos de Muniz Sodré sobre Vinculação Social e Bios Midiático.

3 AS CONSEQUÊNCIAS DA REPRESENTAÇÃO DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA: Vinculação Social e Bios Midiático

Segundo Muniz Sodré (2007) as novas tecnologias de informação alteram o sentido espaço-temporal da sociedade. Essas materialidades organizam nossas formas de vida sem que percebamos.



Nesse sentido, a mídia tem papel preponderante, pois ao falarmos de determinado “pôr em comum”, estamos nos referindo à organização de modos de vida, tanto àquele que produz, quanto àquele que recebe.

Acontece que as tecnologias avançadas da comunicação e a velocidade de circulação das informações produzem uma outra temporalidade, que se vem chamando de tempo real. (...) Nesse mundo de temporalidade fluida, onde o estável e o durável são postos em crise, fica afetada em vários planos a própria existência. (SODRÉ, 2007, p. 19) fluida, onde o estável e o durável são postos em crise, fica afetada em vários planos a própria existência. (SODRÉ, 2007, p. 19).

No senso comum, a comunicação é entendida como a transmissão de uma mensagem do emissor para o receptor através de um canal. Muniz Sodré fala que não é bem assim, há mais coisa nesse processo. “Esse novo bios é a sociedade midiaticizada enquanto esfera existencial capaz de afetar as percepções e as representações correntes da vida social, inclusive de neutralizar as tensões do vínculo comunitário”. (SODRÉ, 2007, p. 21). Nesse sentido, não podemos entender a comunicação apenas como um modelo transferencial. Trata-se de uma forma de viver, da construção dos sujeitos.

A vinculação (...) não se define como um fazer contato, como algo colocado entre os seres, e sim como a condição originária do ser, desde já atravessado por uma exterioridade que o pressiona para fora de si mesmo e o divide. Aqui é o lugar social da interação intersubjetiva, sobre o qual se debruçam, no plano estritamente lógico-linguístico, autores como Wittgenstein [...]. (SODRÉ, 2007, p. 19).

Portanto, estamos sempre em processo de vinculação social, uma vez que estamos em constante mudança. É preciso reconhecer que não vivemos sem o outro e que há tecnologia no meio de todas as nossas experiências. Não existe o ser sozinho, o ser individual. Dessa forma, para vincular-se, é necessário estar aberto ao outro.

Para falar de vinculação social é preciso pensar o sujeito não como pronto e acabado, mas sempre mudando a partir de relações em que ele se insere. Pensando nessa ideia, podemos fazer uma relação de como o negro se institui a partir de como ele se vê nos diversos meios de comunicação.

3.2 A “mulata” que nunca chegou

A youtuber e estudante de Ciências Sociais da Unifesp de São Paulo, Nátaly Nery, fez um depoimento através de um vídeo postado na plataforma do YouTube, o qual exemplifica muito bem esse cenário. O nome do vídeo é “A mulata que nunca chegou”. Nele, a estudante diz que, durante toda a sua infância e adolescência, sempre ouviu comentários que diziam que, quando ela crescesse, ela se tornaria uma mulata bonita, curvilínea. Ela ouvia isso tanto de pessoas com as quais ela convivia, quanto do que ela assistia na mídia.



O que acontece é que, a tal “mulata bonita”, não chegou. Nátaly sempre foi uma menina franzina e o que ela via na TV e escutava das pessoas, não condizia com a sua realidade. E isso fez com que ela desenvolvesse uma série de problemas com sua autoestima e, conseqüentemente, sua identidade.

O que fez com que tantos homens enxergassem em uma criança de oito anos alguma possibilidade de beleza? Como eles entendiam que, de alguma forma, eu daria trabalho? Depois eu fui entender que era melhor as pessoas me acharem feia, mas afirmarem que eu ficaria bonita no futuro, do que dizerem que eu era simplesmente feia. (NERY, 2017).

Através do discurso de Nátaly Nery, percebemos como a mídia, assim como as pessoas que estão a nossa volta, pessoas estas que também são influenciadas pelos meios de comunicação, nos inserem no mundo, nos instituem. É a tal da padronização do outro, citada por Rosane Borges, que tanto maltratou ao youtuber durante a sua vida, fazendo com que ela não se aceitasse.

Com o tempo, entendi que eu era considerada mulata. E ser mulata, naquela época, era menos pior do que ser negra. As pessoas falavam: ‘Nátaly, você é feia pra caramba. Nem alisando esse seu cabelo ruim, dá jeito. Mas sorte sua que você não é tão preta’. Então eu levantava as mãos para o céu e agradecia a Deus por não ser tão preta. Deus não me fez branca, me entristeço por isso, mas obrigada por ter me feito mulata. É um sofrimento a menos. (NERY, 2017).

Nesse fragmento, Nery evidencia que o estereótipo é colocado na mente das pessoas negras desde a infância. E essa ideia vai se manifestando ao longo da vida das pessoas, como se fosse um processo obrigatório de sua formação como indivíduo.

Com os meus 14 anos, eu comecei a entender o que a mídia, o que a sociedade dizia sobre o que era mulata. Eu comecei a entender que ser mulata não era tão ruim. Que ser mulata era ser da cor do pecado, que ser mulata era ter curvas envolventes, sensuais. Que a mulata me colocava na poesia, que a mulata colocava o meu corpo na bossa-nova. Eu não era ‘a mulata’, mas eu me tornaria a mulata. E era a expectativa que meu corpo se desenvolvesse, que as curvas aparecessem e eu pudesse, enfim, ser a mulher que sambava, fazia com que eu recebesse elogios. Esses eram os únicos.” (NERY, 2017)

Nesse ponto do discurso da youtuber, é possível analisar como a imagem que a mídia exhibe é imposta, como se fosse uma aceitação obrigatória.

Com 15 anos eu fiquei esperando a mulata. ‘Cadê a mulata que me falaram a vida inteira?’, eu me perguntava. Eu esperei a mulata, mas ela não foi aparecendo. E eu me perguntava: cadê a minha autoestima que viria com essa mulata? Cadê a única expectativa de amor próprio que eu coloquei dentro de uma bunda e de um peito? (NERY, 2017).

No fragmento anterior, fica claro o quanto a ideia da “mulata curvilínea” esteve presente no ideal de corpo da estudante e do quanto isso a fez mal. Ela conta que as pessoas diziam: “Ela vai ser muito bonita. Ela vai saber sambar, vai saber rebolar, ela vai ter um corpo de dar inveja porque ela é mulata. E mulata é menos pior”. (NERY, 2017). Nesse contexto, as raízes da cultura negra são reconstruídas de forma completamente negligente.

Meu corpo parou de se desenvolver aos 13 anos. Com 13 anos eu não cresci mais, não me desenvolvi fisicamente. Então com 13 anos eu comecei a entrar em pânico. Com 15 anos



eu estava desesperada. E eu comecei a perceber que, de fato, a mulata não chegaria e que eu precisaria compreender e achar outras formas de lidar com meu corpo. (NERY, 2017)

Nesse ponto do depoimento, Nery esmiúça as etapas da construção de sua identidade ao longo dos anos. Quanto mais ela crescia, menos se sentia parte integrante daquele contexto. Analisando esse aspecto, é válido lembrar o que diz o autor Muniz Sodré, já citado anteriormente, que as relações organizam os nossos modos de vida.

Com 18 anos eu passei a odiar o meu corpo porque a mulata não veio. Então, eu não tinha nada que me salvasse, não tinha expectativas de melhoras. Eu odiava muito o meu corpo. Eu odiava quem eu era de uma forma muito profunda, a ponto de me bater em noites de crise, quando eu estava mal. A ponto de esmurrar os meus próprios seios por eles não crescerem o tanto que as pessoas diziam que deveriam ter crescido. (NERY, 2017).

Cada fala da estudante reforça ainda mais os danos de uma falsa representação a qual as mulheres negras são submetidas há tempos, tanto pela mídia, quanto pela sociedade em geral. São marcas sociais que parecem não ter fim, mesmo com todos os novos debates acerca do negro e sua identidade.

A senzala está quando eu odeio o meu corpo, quando eu odeio a minha realidade, quando eu odeio quem eu sou para corresponder a um estereótipo de beleza da sociedade escravocrata atual. Se o racismo não mata na entrada, ele faz com que você queira morrer na saída. Se o racismo destrói de maneira clara e descarada, a negra de pele retinta, preta, escura, o racismo fala meu nome como forma de amor: ‘mulata, bonita, sensual...’ e depois me esfaqueia pelas costas. Parafrazeando Augusto dos Anjos: o racismo escarra na minha boca enquanto me beija. A gente não precisa de senhor de engenho, de chibatada brutal em nossos corpos, porque a senzala é ainda aqui nas nossas mentes. É de maneira virtual e não corpórea. (NERY, 2017).

Ao final do seu discurso, Nátaly Nery deixa evidente a maneira latente como o racismo se manifesta no espaço. E, pior ainda, foi em seu próprio corpo, que experimentou tão cedo as consequências de uma representação irresponsável.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração tudo que foi dito ao longo deste artigo, podemos perceber a necessidade que há de falar sobre o lugar do negro nos meios midiáticos, assim como todas as influências e o contexto que leva a sociedade a estabelecer os estereótipos citados. O racismo está muito além do cidadão, uma vez que a TV não traz a representatividade correta acerca do que é ser negro.

A representatividade é algo de extrema importância para a formação de identidade de um ser social. É de dedução lógica que, quanto mais algo aparece na mídia, mais natural se torna para a sociedade. A pressão da mídia na forma de agir das pessoas se torna muito clara quando um bordão de novela “cai na boca do povo” ou certo nome se torna o mais registrado do ano por conta de uma série de televisão.



A naturalização do racismo pode ocorrer de várias formas, porém, a forma, talvez, mais velada a qual é encontrada, é a falsa representatividade negra na mídia, ou até a falta dela. Quando se pensa em uma novela do horário nobre que marcou uma geração, sempre o protagonista é uma pessoa branca, restando aos negros papéis de menor importância, como um motorista ou uma empregada – é importante atentar que na maioria das vezes são cargos profissionais cujas pessoas se submetem por necessidade e não por prazer.

Ainda há uma forte permanência de falsas representações acerca do negro, por mais que atores negros tenham ganhado um lugar de maior destaque, a maioria de seus personagens ainda é marcada pelo racismo, pelo estereótipo. Por conta disso, é urgente que os discursos de deslocamento se intensifiquem mais, que as pessoas levantem essa bandeira para que algum tipo de mudança ocorra, por mais difícil que seja.

É notória a influência que tais convenções causam no desenvolvimento ético de um grupo étnico-racial e como essas imagens refletem dentro do espaço público, podendo ser vistas de forma equivocada, dando espaço para o racismo. Foi construído um cenário que rompe as formas do negro de expressar sua verdadeira identidade.

Infelizmente, a ideia de escravização e submissão do negro ainda é disseminada pela mídia, mesmo que de forma mais sutil - quase como um eufemismo – reforçando os estereótipos do passado. E para que a cidadania seja plenamente exercida, é necessário que os meios de comunicação se engajem nessa luta, pois a mídia é uma das formas mais fortes de poder sobre a sociedade, logo, é de extrema importância que se entenda o valor da representatividade como forma de alcançar direitos. As correntes da escravidão precisam ser quebradas efetivamente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil** – Documentário Completo (2000) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PrrR2jgSf9M&t=4273s>> Acesso em: 06 jul. 2018.

BBC BRASIL: **Sarah Baartman**: a chocante história da africana que virou atração **de circo**. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110_mulher_circo_africa_lab> Acesso em: 06/jul. 2018.

BORGES, Rosane da Silva Borges. Mídias, racismos e representações do outro: ligeiras reflexões em torno da imagem da mulher negra. In: _____ **Mídia e racismos, negras e negros**: pesquisas e debates. Petrópolis, RJ: 2012 [pdf].

NERY, Nátaly. **A mulata que nunca chegou**. 2017. (11m40s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=02TBfKeBbRw>> Acesso em: 06 jul. 2018.

SODRÉ, Muniz. Sobre a episteme comunicacional. **Revista Matrizes**. N. 1 outubro 2007.